

EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Autor[1]: Jenifer kelly Pereira Vieira

Co-Autores[2] Ruberval Odílio Vidal; William Rodrigues Bertuol; Maicon Odílio Vidal; Leonny Afonso Ambrosio.

Círculo de Saber: Trabalho e educação

Palavras-chave: Educação; quilombola; campo.

Introdução

Esse trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) do curso de licenciatura em educação do campo tem por objetivo trazer a vivência do tempo comunidade em relação à Educação formal e não formal

A comunidade quilombola Vidal, situada em Florianópolis (SC) carrega em sua história uma rica herança cultural, marcada por práticas ancestrais, oralidade, espiritualidade, saberes ancestrais e resistência territorial. nesse contexto a educação desempenha um papel central na valorização da identidade quilombola e na continuidade dos modos de viver, aprender e ensinar.

A educação formal oferecida às comunidades quilombolas têm sido excludentes e pouco sensíveis às suas realidades. O currículo escolar desconsidera os saberes ancestrais e as lutas das populações negras, silenciando vozes que foram fundamentais para a construção da história brasileira.

A educação não formal vivida em espaços como a casa, o território, a horta comunitária, a roda de conversa ou as manifestações sociais sempre foi uma fonte legítima de aprendizagem, onde os griôs e lideranças transmitem valores, práticas e conhecimentos à nova geração.

[1] Graduando em Licenciatura em Educação do Campo. E-mail:Jeniferkelly940@gmail.com
[2] Graduando em Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: bobdruvidal@gmail.com
Graduando em Licenciatura em Educação do Campo. E-mail:williambmx244@icloud.com
Graduando em Licenciatura em Educação do Campo E-mail: Leonnyambrosio79@gmail.com
Graduando em Licenciatura em Educação do Campo E-mail:maiconvidaldesenhista@gmail.com



Buscamos integrar essas duas dimensões da educação (formal e não formal) por meio da realização de entrevistas com os griôs da comunidade quilombo vidal martins reconhecendo como educadores e guardiões da memória. A oralidade, prática ancestral, fundamentada na cultura afro-brasileira, será o principal instrumento de ensino e aprendizagem.

Através desta metodologia, pretende-se fortalecer o diálogo entre escola e comunidade, valorizando o protagonismo dos sujeitos quilombolas e combatendo o epistemicídio (apagamento dos saberes ancestrais). Além disso, a escuta atenta dos mais velhos promove respeito entre gerações, o fortalecimento da autoestima das crianças e jovens quilombolas e o reconhecimento da comunidade como espaço legítimo da produção de conhecimento.

Foram realizadas conversas com pessoas mais velhas, que têm vivência e memórias e reconhecimento local (griôs liderança, guardiões da cultura). A oralidade são pilares dessa proposta, valorizando a memória, história e as práticas ancestrais da comunidade quilombola Vidal Martins.





(Captura realizada na comunidade dos Griôs, 2024).



Conclusão

O objetivo é promover educação de qualidade social que valorize o território, os sujeitos, a identidade quilombola, a cultura e os saberes ancestrais de sua luta histórica, contribuindo para o fortalecimento das lutas quilombolas e servindo de base para o pedagógico.

Referências bibliográficas

BRASIL.Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnicos-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília:MEC,2004.35 p.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO EDUCAÇÃO UD QUILOMBO VIDAL MARTINS, FLORIANÓPOLIS 2004; Shirlen Vidal (forneceu o documento).